

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PIONEIRAS DO CINEMA PORTUGUÊS
Raquel Soeiro de Brito, Geógrafa – I
27 de maio de 2026

MOÇAMBIQUE: VALE DO ZAMBEZE / 1960, 15'

MACAU / 1960, 18'

CABO VERDE / 1962, 8'

ANGOLA I: DO CUANZA A CHELA / 1967-1968, 12'

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE / 1964 (excerto)

TIMOR / 1970-1973 (excerto)

Realização e Imagens: Raquel Soeiro de Brito / Produção: Instituto de Investigação Científica e Tropical / Cópias: Cinemateca Portuguesa, digital (resultantes da digitalização 2K de positivos mudos reversíveis de 16mm conservados pela Cinemateca, O tratamento da imagem foi feito pela Cinemateca em 2023 no âmbito do projeto FILMar, usando cópia preservadas pela Cinemateca em 2001, ou cópias de época como referência cor, sem som.

filmes de RAQUEL SOEIRO DE BRITO

Duração total da projeção: 71 minutos
Sessão comentada por Raquel Soeiro de Brito

Raquel Soeiro de Brito (Elvas 1925) apresenta hoje seis dos seus filmes (de dois apresentamos apenas excertos) que documentam várias das colónias portuguesas no Ultramar. Pioneira de um cinema geográfico, captou através da sua câmara cinematográfica, mas também através da câmara fotográfica, muitas paisagens geográficas, mas também sociais e humanas em permanente transformação, imagens que se verteriam em estudos, ensaios e artigos sobre as realidades filmadas. Acompanhou assim a evolução de diferentes territórios ao longo de uma década e meia, nomeadamente entre 1958 e 1973, anos em que se fez acompanhar no seu trabalho de campo com uma câmara de 16mm.

Na Cinemateca estão depositados catorze filmes realizados neste período, correspondendo a várias das missões oficiais "de Geografia Física e Humana do Ultramar" que serviram para um maior conhecimento dos territórios distantes de um país colonizador que se esforçava por abarcar e manter tal território num contexto de domínio colonial. Pioneira no cinema, Raquel Soeiro de Brito também o foi na universidade, pois foi a primeira mulher a doutorar-se em Geografia, foi em 1955 com a tese *A Ilha de S. Miguel*.

Como se tem escrito, e como a própria tem referido em várias entrevistas, Soeiro de Brito não considera os seus filmes como cinema, preferindo chamar-lhes apenas estudos ou documentos ou registos de lugares, geografias distantes e pessoas, contributos para uma investigação sobre a sua constituição e transformações. Mas quando falamos dos seus filmes, falamos naturalmente de cinema.

Como é amiúde relatado, Raquel Soeiro de Brito aprendeu a filmar aquele a quem pediu uma câmara 16mm emprestada, e que em contrapartida a acompanhou na sua primeira “Missão Cinematográfica” ao Vulcão dos Capelinhos. Se a geógrafa fazia parte da pequena equipa que partiu para o vulcão sob coordenação do geógrafo Orlando Ribeiro em Outubro de 1957, uma semana depois do início da erupção, Salvador Fernandes, que lhe emprestou a câmara também. São dele as primeiras imagens da erupção do vulcão, registadas entre 4 e 18 de Outubro de 1957 com a sua câmara de 16mm. A geógrafa registaria a segunda série de imagens, já em Janeiro de 1958. O filme daí resultante seria **Erupção Vulcânica Dos Capelinhos, Ilha Do Faial – Açores** (1958), que iremos ver amanhã e que colige as extraordinárias imagens da actividade vulcânica, revelando-se como um contributo inestimável para a investigação científica, para a vulcanologia, e para o estudo da ilha, mas constituindo-se ainda como uma obra de uma rara poesia.

Pioneira de um modo de pensar as imagens enquanto elemento de estudo, fossem elas fotográficas ou cinematográficas, pois foi primeiro a fotografia que revelou a singularidade do seu olhar no encontro com terras que lhe são estranhas e que procura investigar através de um intenso trabalho de campo, Raquel Soeiro de Brito, como a própria diz foi a geógrafa que mais amplamente investigou e viajou pelas agora ex-colónias portuguesas. Os filmes que agora mostramos, promovidos pela “Junta de Investigação do Ultramar”, que contaram com o apoio da marinha, funcionavam como cadernos de campo, e entendidos, como tal, como materiais auxiliares de investigação, acompanhando aulas e conferências e sendo comentados pela própria, que assim acrescentava um contexto a estas imagens em movimento invariavelmente mudas, que é o que fará nesta sessão. São imagens a cores e em 16mm, que serão mostradas em cópias digitais.

Organizado cronologicamente este programa percorre Moçambique, Macau, em imagens recolhidas em 1960 e 1961, Cabo Verde, que visitou em 1962, Angola, cujas imagens são já de 1967-68. São Tomé e Príncipe e Timor ficaram para o fim, pois dos respectivos filmes apresentamos apenas excertos, sendo que o filme sobre Timor diz respeito à última missão de Soeiro de Brito. Entre as várias missões a Moçambique de que há imagens filmadas, escolheu-se aqui a primeira, sendo que Raquel Soeiro de Brito filmou várias regiões de Moçambique ao longo de uma década, sendo as suas últimas imagens de 1969. A par deste **Moçambique: Vale do Zambeze**, filmaria outros “estudos” a que daria os títulos **Da Espungabera a Gorongosa**, ainda de 1960, mas também **Ajáuas e Nianjas do Niassa**, **Niajas II**, **Do Limpopo a Vila Pery** e **Vila Cabral**, já em 1969

Em **Vale do Zambeze** o olhar de Soeiro de Brito dirige-se sobre a paisagem que capta de modo panorâmico, as zonas de floresta, as palhotas onde vivem os seus habitantes e os modos de vida, em que se percebem os restos das queimadas. As construções e a arquitectura doméstica são algo que aparecem recorrentemente nas suas imagens, ganhando destaque as aldeias e as suas construções. Às sucessivas panorâmicas sobre o rio sucedem-se as panorâmicas sobre as

habitações, bem como sobre as práticas agrícolas ou as actividades portuárias, num retrato compósito de uma região.

De Moçambique partimos para Macau, pertencendo este segundo filme à mesma “Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar”. Soeiro de Brito filma as ilhas de Coloane e Taipa. E é entre as ruas, os trabalhos do campo, mas sobretudo junto ao mar, que encontramos alguns dos seus registos mais poderosos. Estas imagens pertencem a um conjunto de estudos sobre Macau realizados pela geógrafa ao longo de dez anos, nomeadamente entre 1960 e 1971, anos de intensa transformação. Nas imagens vemos a sua “aventura entre os pescadores comunistas”, como referirá em “Aspectos da vida marítima de Macau”, publicado na revista *Geographica*, que dirigiu. É no mar que se iniciam as panorâmicas que terminam em terra, mas são os barcos e as suas gentes que ganham destaque em imagens belíssimas. As imagens das mulheres ao leme dos barcos à vela, os barcos que traziam bambu da China continental. Se em 1961 em Macau passavam 10 anos desde o final da guerra civil (1945-1949), assinalado pela vitória do Exército de Libertação Popular comunista sobre as forças nacionalistas, em África começava-se a guerra colonial, e em várias ocasiões, Soeiro de Brito referirá de que modo a guerra afectou as suas investigações.

De Cabo Verde vemos a paisagem árida e as aldeias, que contrastarão com depois com o carácter mais verdejante de S. Tomé, fazendo a ponte com Angola, em que Soeiro de Brito se dedica a filmar a vida quotidiana da população entre Cuanza e Chela e as paisagens que habita. A paisagem, mas também as aldeias, a pastorícia e a linha do comboio, sinal de desenvolvimento e de colonização. Raquel Soeiro de Brito dedicará a posteriori interessantes palavras a São Tomé, que rimam com as suas imagens. Um “brinquinho de ilha” por entre o nevoeiro. As roças que filmou enquanto elemento estruturante de uma economia assente no cacau revelam uma sumptuosidade que contrasta com as casas dos locais, construídas sobre estacas, revelando-nos S. Tomé como uma terra de contrastes. Timor que seria por escolha pessoal o seu primeiro destino, acaba por ser o último, correspondendo à sua última grande viagem. Aqui filma a paisagem, mas também as actividades locais, e as danças, as danças tradicionais, revelando o peso que atribuía a uma geografia eminentemente humana, que dialogava com a antropologia.

Joana Ascensão